

CULINA: RAZÕES DE DISPERSÃO E SITUAÇÃO ATUAL.

CEDI - P. I. B.
DATA 12 09 86
COD. KV 508

Rubens
Monteiro
de Souza
Eirunepi - AM

A chegada do elemento 'branco' com a frente extrativista e a consequente dispersão dos grupos indígenas na Amazônia Ocidental

Os grupos Aruak ocupavam as bacias dos rios Juruá e Purus. No Juruá concentravam-se no médio curso deste rio e seus afluentes - rio Gregório, bacias do rio Tarauacá e rio Envira.

Os movimentos migratórios eram determinados principalmente pelo esgotamento das fontes de subsistência - caça, coleta, pesca..., em determinado local e os conflitos internos ou inter-grupais.

Todos estes grupos sofreram simultaneamente o contato com a frente extrativista a partir da metade do século passado em diante. Com a chegada desta frente houve drástica redução demográfica e uma grande dispersão, ambos pela violência do contato - correrias, epidemias... Inicia neste período a exploração da mão-de-obra indígena e com a crise da borracha no 2º decênio deste século e o exodo rural consequente, a mão-de-obra indígena se fez mais necessária. A partir da 2ª metade deste século, novo ímpeto da produção da borracha e com os financiamentos intensificou-se a exploração da mão-de-obra indígena. Atualmente com a crise econômica e a introdução da borracha sintética e importação da borracha natural nativa ou cultivada de custo menor que a nossa, está havendo esvaziamento dos seringais e a entrada de outras modalidades de exploração econômica como a agro-pastoril e principalmente as mineradoras. O índio não é enganado na mão-de-obra e sim marginalizado com seus últimos redutos invadidos. Neste contexto é e foi determinado os movimentos migratórios e a dispersão.

Fatores consequentes da presença e invasão dos territórios indígenas que tiveram e tem influência no plano sócio-cultural Culina e que tem determinado os movimentos de migração e dispersão

A pajelança entre os Culina exerce papel de vital importância pois o pajé 'dsopinehe' é o médico que cura as doenças. Ele é portador

do conhecimento do mundo mítico-religioso e por isto mantém relações com o sobrenatural, desta forma aliviando e criando tensões no campo político-social. Acreditam que o mundo acabará num dilúvio se não mais existirem os 'dsopinehe'.

A doença sendo um mal externo é introduzida por outra pessoa, o pajé, que atendendo o pedido de outro elemento. A transmissão é feita através do 'dori', o mal externo representado por uma resina vegetal. Outro, o 'dori'hapode', é realizado também pelo pajé de um grupo localizado e é endereçado a outro quando queimado e assoprado para que o vento carregue; este é responsável pelas epidemias.

Quando o mal resulta na morte concomitantemente há a promessa de vingança endereçada ao pajé e parentela deste, pela parentela da vítima. O revidamento desta vingança 'manaco' originará outras vinganças, conseqüentemente a fuga, dispersão ou migração.

Pelas informações dos Culina com relação ao papel do pajé no passado, esta nova situação, acentuou-se após o contato com a civilização ocidental e justifica e reforça a intensidade dos movimentos migratórios e de dispersão a partir do contato.

Nota-se também os reflexos no poder de influência, aglutinação e coesão social pelas lideranças, na medida em que o desempenho da pajelança também determina a coesão social influenciando-a.

Segundo Rivet e Tastevin (1938) os Culina subdividiam-se em vários clãs e encontravam-se em várias aldeias espalhadas em diversos locais e cita a localização detalhada de diversos clãs. Segundo Eduardo Viveiros de Castro (1978-Museu Nacional), os Culina distribuíam-se segundo parentelas-localizadas. "Os 'Madiha' (também auto-denominação deste povo), estariam mais nitidamente circunscritos a locais específicos e seriam antigamente endógamos".

Com o contato e a conseqüente depopulação, estas parentelas ('clãs') tenderam a fundir-se para garantir a reprodução, sobrevivência física cultural e fazer frente ao avanço do 'branco'. Hoje encontram-se localizados em determinados locais, onde há geralmente a predominância de um ou mais 'clãs' e elementos de outros 'clãs'. Esta situação contribuiu para o acentuamento das divergências internas, atritos e estados de tensão atribuídos principalmente à pessoa do pajé, na medida em que ele é ligado a um 'clã' e representa os interesses deste 'clã' e na medida do seu poder de ligação com o sobrenatural pode introduzir um 'mal', que põe em risco a vida dos indivíduos.

Esta mesma situação, também pode ser provocada pela tentativa de se

concentrar um grande número de Culina, além do número populacional em condições normais, sem levar em conta fatores econômicos e sócio-culturais. Um exemplo foi o posto do SPI no rio Gregório (1925-1939), quando concentrou-se uma população maior que os níveis normais, provocando situações de tensão, que após a desativação do posto, levaram a dispersão em pequenos grupos. Recentemente a Funai construiu infraestrutura no igarapé Andirazinho (baixo-Juruá Mun. Caitaú) na intenção de transferir e reunir os que localizavam-se nos igarapés Macaco e Juruapuca (baixo-Juruá, Caitaú), o que levou os Culina a demonstrar resistência apesar das medidas coercitivas.

Principais acontecimentos no ano 84 em que repetem-se os fatores de desagregação, migração e dispersão; e outros posicionamentos dos Culina na bacia do Juruá.

- Em dezembro de 1983 os Culina do ig. Preto (Juruá-Mun. Eirunepé) contam que insatisfeitos com a falta de mercadorias nos barracões da empresa seringalista daquele igarapé e revoltados com a atitude do gerente deste seringal (Petrônio) irmão do proprietário (Raimundo Chagas), por ele ter-se comprometido e engravidado uma mulher Culina, abandonando-a em seguida com sua retirada daquela empresa, desmancharam um dos barracões logo acima da maloca. Contam também que anteriormente houve tentativa de matá-lo por ter se envolvido com uma mulher de um dos índios. Com este mesmo gerente houve descontentamento geral e desentendimentos por parte dos seringueiros não-índios e que com a falta de mercadoria nos barracões da empresa, provocaram o esvaziamento daqueles no seringal. Um dos barracões ficou abandonado, quando os índios desmantelaram-no.
- No igarapé Cacaú (rio Tarauacá-Mun. Envira) a titulação de áreas pelos cidadãos à margem de uma estrada que liga a maloca à cidade de Envira, construída pelos próprios índios, poderá gerar além do pequeno fluxo migratório iniciado a apreensão, quando da efetiva ocupação desta área pelos 'brancos'. Com a quebra do barranco do rio Tarauacá, certamente a cidade transportar-se-á em direção à maloca, dada as condições geográficas locais e a proximidade desta cidade.
- Em dezembro de 1984, três famílias do ig. Monguba (rio Tarauacá-Mun. Envira) informaram que haviam sido expulsos por seringueiros, de suas estradas de seringa naquele igarapé e migraram para o rio Eiru.
- Transferência dos Culina do ig. Soldado (rio Juruá-Mun. Eirunepé) para o rio Eiru (rio Juruá-Mun. Eirunepé), pela Funai em 31/12/84.

ação foi justificada pelo estado de tensão na cidade de Eirunepé devido ao conflito em 23 de dezembro, quando uns Culina roubavam um estabelecimento comercial. Neste acontecimento o comerciante saiu ferido e um índio agredido. Com a vinda de representantes da Funai (1ª Del.Reg.) para averiguar a situação formou-se a transferência pela intercedência do Orgão Tutor e o Delegado Municipal, junto aos dois líderes indígenas daqueles dois locais. Devido as outras várias ocorrências registradas na Delegacia Municipal, envolvendo os Culina daqueles locais e ao clima de levante por parte da população - transferiram os para o rio Eiru, com o objetivo de afastá-los da cidade. Nesta atitude não foram levados em conta os problemas envolvendo os índios e a empresa seringasita no rio Eiru, de propriedade da família Conrado daquele município, as benfeitorias dos índios no ig.Soldado e o funcionamento social e interno do povo Culina, o que poderá ocasionar conflitos internos e mesmo o retorno do grupo transferido para o local de origem e os problemas subsequentes.

- Está havendo pressão sobre os Culina para transferirem-se do ig.Preto (rio Juruá-Mun.Eirunepé) para o rio Eiru, pelo proprietário da empresa seringalista naquele igarapé (Raimundo Chagas). Questões internas entre os Culina daqueles locais como liderança, diferenças 'clânicas', divergências e mortes num passado recente deverão tornar perigosas as relações e os reflexos envolverão praticamente todos os grupos Culina da região pelas ligações de parentesco.

SITUAÇÃO DAS TERRAS CULINA NA BACIA DO MÉDIO JURUÁ

Toda área de ocupação dos índios Culina na bacia do rio Juruá estão invadidas por empresas seringalistas, seringueiros e ocasionalmente por madeireiros. A intensidade desta invasão varia de local para local e nesta área de ocupação não há áreas tituladas. Recentemente iniciou-se pelo ITERAN, processo de regularização das terras dentro das definidas glebas e uma destas - ' Gleba Prof.Manoel Correa ', embora fazendo divisa com a definida 'Área Culina do rio Eiru' (rio Eiru, igarapés Preto e Baú) e a área indígena Culina dos igarapés Baú e Penedo, inclui em seus limites as malocas dos igarapés Medonho, Penedo (afls.do rio Juruá), ig. Coatá (afl.do rio Gregório); e suas respectivas áreas de ocupação.

Duas são as propostas de delimitação existentes para os grupos Culina no médio Juruá (ver mapa anexo):

. Área Indígena Culina do rio Eiru (Out.84-Brasília):

Abrange o rio Eiru e igarapés Preto e Baú, a qual exclui todas malocas deste rio e sua bacia, inclui somente uma das malocas do ig.Pre-

to e exclui as malocas do ig. Baú.

. Área Indígena Culina dos igarapés Penedo e Baú (1980-8ª Del. REg.)

exclui duas malocas do ig. Baú e uma maloca no ig. Penedo bem como suas áreas de ocupação e áreas culturais.

As duas propostas além de não atender os interesses destes grupos localizados nestas respectivas áreas, exclui outras malocas no ig. Medonho, ig. Salgueiro (afls. do Juruá), no ig. Cacau e rio Acuraua (afls. do Tarauacá), e ig. Coatá (afl. rio Gregório), todas estas na bacia do médio rio Juruá e nas imediações das áreas propostas pelo Orgão Tutor.

A interferência de elementos externos, a bem de interesses particulares pressionando a transferência dos índios estarão levando o índio contra o índio, bem como a interferência do Orgão Tutor sem levar em conta o funcionamento interno, subsistência e relações inter-grupos Culina - uma cultura específica, com a finalidade de assisti-los. Face as consequências de contato da sociedade nacional com o povo Culina ao longo da história até nossos dias que determinaram e determinam entre outras, a dispersão por um raio muito extenso abrangendo os estados do Amazonas e Acre chegando ao Peru e o acentuamento das divergências internas, faz-se urgente o prosseguimento dos trabalhos de eleição das áreas indígenas Culina do rio Juruá, de acordo com seus interesses para garantir-lhes a sobrevivência.

Bibliografia : Tastevin Constant

1919 relatório manuscrito - inform. sobre os Culina e Caxinaua no Tarauacá e Acuraua. Do original pgs 41,42,43

1920 Le Fleuve Juruá (Amazonie) in La Geographie XXXIII:1-22,131-148

Tastevin, Constant & Rivet Paul

1921 Les Tribus Indiennes du Purus, de Juruá et des Régions Limitrophes in La Geographie 35:449-482

Relatórios

1939 Relatórios do SPI do rio Gregório

1978 Castro, Eduardo Viveiros,

Culina do Alto Purus - Acre , Funai.

Rubens Monteiro de Souza
Voluntário da Opan e membro da
Pastoral Indígena da Prelazia Acre-Purus.
Rio Branco, 22 de Jan. de 1985

CROQUI - LOCALIZAÇÃO DOS CULINA NO MÉDIO JURUÁ

ADAM ESC: 1:100.000

LEGENDA

- ▲ - ALDEIA
- - - - limite área indígena CULINA DO RIO EIRU.
- ||||| limite áreas indígenas Iq. BAÚ E PENEDO

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA

